



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Trabalho, Questão Social e Serviço Social**

**Sub-eixo: Trabalho, questão social e serviço social – fundamentos**

## **CONSERVADORISMO E NEOCONSERVADORISMO NO SERVIÇO SOCIAL: REFLEXÕES SOBRE O PROCESSO DE TRABALHO**

**CYNTHIA SANTOS FERRAREZ<sup>1</sup>**

### **RESUMO:**

Esta pesquisa tem como objeto de análise o conservadorismo e o neoconservadorismo, assim como seus rebatimentos sobre a atuação do(a) assistente social. Trata-se de um trabalho de cunho bibliográfico, qualitativo, que tem como objetivo central analisar os paradigmas pós-modernos e os rebatimentos cotidianos enquanto desafios para a consolidação do projeto ético-político profissional.

**Palavras-chave:** Conservadorismo; Neoconservadorismo; Serviço Social.

### **ABSTRACT:**

This research aims to analyze conservatism and neoconservatism, as well as their implications on the role of social workers. This is a bibliographical, qualitative work, whose central objective is to analyze postmodern paradigms and everyday clashes as challenges for the consolidation of the professional ethical-political project.

**Keywords:** Conservatism; Neoconservatism; Social Service.

## **1. Introdução**

O presente ensaio aborda uma reflexão sobre o conservadorismo e o neoconservadorismo expressos no trabalho do(a) assistente social na cotidianidade. Tendo com foco a análise dos elementos modernos e pós-modernos que criaram essa condição e discursos que não contemplam o projeto ético-político profissional.

---

<sup>1</sup> Universidade do Estado de Minas Gerais

A escolha pelo tema justifica-se em diversos debates travados pela categoria profissional, principalmente nos últimos anos, sobre a atuação profissional respaldada numa concepção teórico-prática deslocada dos elementos conservadores e voltada para a construção de uma nova ordem social para além do capital. Este fato é um grande desafio para a concretização do trabalho profissional, uma vez que a invasão neoconservadora é uma realidade palpável no cotidiano.

Nosso objetivo é demonstrar como os paradigmas pós-modernos rebatem no cotidiano profissional e contribuem para uma invasão neoconservadora na atuação profissional.

Enquanto escolha metodológica partimos de uma análise bibliográfica para fomentarmos qualitativamente nossa crítica ao processo de esvaziamento das lutas e mobilizações sociais através do neoconservadorismo e da consolidação da burguesia capitalista. O Serviço Social é uma profissão que atua na questão social, tendo um projeto ético-político que orienta as ações profissionais de forma crítica e propositiva. Seguindo esta linha de pensamento utilizamos autores como Netto (2011), Netto (2006), Simionatto (1999) e Ortiz (2010) para expressar nosso compromisso teórico-crítico com as prerrogativas profissionais.

Para tanto, este estudo está estruturado em quatro momentos: no primeiro partimos de uma análise sobre as raízes do conservadorismo clássico, como forma de entender como se constroem as narrativas conservadoras e o quanto esse processo é importante para a alienação do trabalhador. No segundo momento abordamos os elementos da condição pós-moderna e sua onda conservadora que impactou substancialmente nas relações burguesas capitalista, servindo de mecanismo de consolidação do capital em momentos de superação de crise. No terceiro momento realizamos uma reflexão histórica sobre a institucionalização do Serviço Social brasileiro e, especialmente, destacamos a crise dos paradigmas pós-modernos sobre a profissão no movimento de renovação da profissão no Brasil. Já à guisa de conclusão trazemos o debate sobre a pós-modernidade e o neoconservadorismo profissional, como os paradigmas são claros determinantes para uma atuação comprometida, ou não, com as prerrogativas do projeto ético-político profissional.

## **2. As Raízes do conservadorismo clássico**

A semântica da palavra conservadorismo remete a Conservar, ou seja, "preservar aquelas coisas e ideias que valorizamos e que acreditamos" (NETTO, 2011, p. 36). Se considerarmos essa colocação podemos ver que somos todos um pouco conservadores naquilo que nos diz respeito

positivamente. Essa noção de conservadorismo, de acordo com Netto (2011, p. 36), "é lastreada no Senso Comum, não permite fundar qualquer reflexão que vá mais além dos limites do pensamento cotidiano, uma vez que, com sua ilimitada abrangência, não tem nenhuma potencialidade explicativa".

Falar de conservadorismo é remeter-se a uma negação da história, os pensadores conservadores acreditam que o Conservadorismo é parte do próprio "Ser do Homem". No âmbito das Ciências Sociais, podemos localizar o conservadorismo a partir da Revolução Francesa e do advento da Revolução Industrial, mas a cronologia ou metamorfose desse movimento conservador não é muito exata. Assim, o cenário em que emerge o conservadorismo já vinha sendo desenhado desde o século XIV, a partir da crise do sistema feudal, e se estendeu até o século XIX com a ascensão e consolidação do poder burguês e suas transformações econômicas e societárias.

Segundo Netto (2011), os representantes da antiga nobreza feudal, durante esse período de consolidação do poder burguês, protestaram contra a nova forma de compreender o mundo que partia da centralidade nos homens, enquanto agentes construtores e transformadores de tudo o que existia. Essas contestações, inclusive, abrangiam as condições sob as quais se estabeleciam as relações humanas em todas as suas esferas. Diante disso, a hegemonia burguesa teve uma grande importância, pois edificou as condições para o rompimento definitivo com o feudalismo e surgimento de um novo modo de produção (o capitalista).

Os fatos relatados ofereceram bases de sustentação do sistema capitalista e de fundamentação da ascensão da era moderna e é através deste contexto que vários questionamentos se fazem presentes e nos levam a entender em que tempo e espaço localiza-se o pensamento conservador. Ou seja, o pensamento conservador precisa ser considerado enquanto uma expressão cultural (obviamente complexa e diferenciada) particular de um SER e um espaço sócio-histórico muito impreciso. O que se pode dizer é que o tempo e o espaço da configuração desse pensamento estão fundados na "sociedade burguesa", pois o conservadorismo não é um estilo de pensamento "Intemporal", a-histórico, encontrável em qualquer sociedade.

A verdade é que o Conservadorismo não é uma teoria, mas um modo de pensar burguês que estabelece valores através de determinações históricas de "conservadorismos", uma vez que esse pensamento conservador rejeita qualquer forma de universalização ou uniformização dos

modelos políticos e sociais. Sendo assim, o conservadorismo é baseado na experiência e na conservação das instituições sociais tradicionais civilizatórias e culturais.

A ascensão da Idade Moderna (Modernidade) deu-se por meio dessas ações de questionamentos burgueses e fundou suas bases na Revolução Francesa, marco para o que conhecemos como Iluminismo. Então, na modernidade a ilustração é um emblema e tem como características: 1) a cultura do racionalismo, mediante autonomia individual, humanismo, historicismo; 2) a secularização, a dessacralização do mundo, a valorização da experiência controlável e universalizante; 3) "aspectos ideais de mundo constituídos pela Burguesia Revolucionária e as condições sem as quais as próprias mutações técnico-produtivas seriam inviáveis" (NETTO, 2011, p. 43). A Modernidade, juntamente com a Revolução Industrial, solda a hegemonia da burguesia e, com isso, materializa-se, também, através de uma Revolução Política que destruiu o Estado Feudal e moldou o seu próprio.

Harvey (1992, p. 23) ao dissertar sobre o Projeto da modernização conservadora século XVIII destaca o esforço intelectual iluminista para "desenvolver a ciência objetiva, a moralidade, a lei universal e a arte autônoma nos termos da própria lógica interna destas". A modernidade tornou-se também conhecida como a Era da Razão, em que várias vertentes de pensamento se desenvolveram propiciando um acúmulo de conhecimento gerado por muitas pessoas trabalhando livre e criativamente em busca da emancipação humana e do enriquecimento da vida diária.

Essa "Nova Ciência" ou "Razão Moderna" no século XVI e XVII expressa o abandono do dogma religioso que repercutiu também na economia, política, ética e estética (desenvolvimento da astronomia e da física). A modernidade da razão valorizou a cientificidade, as teorias e as leis objetivas. A "Razão" e a "Experiência" vinculadas tornaram-se uma alternativa capaz de transpor as aparências dos fenômenos e "cooptar" sua essência. (SIMIONATTO, 1999, p. 89). Por assim entender, alguns estudiosos marcaram as principais correntes de pensamento que se expressam até os dias atuais.

A primeira a corrente de pensamento a ser destacada é a "Razão fenomênica" de Kant, que se coloca na esfera material e superficial.

A segunda corrente a ser destacada é Positivismo de Comte, que se fundamenta nas leis da natureza, na biologia, para estabelecer uma ordem natural que não pode ser mudada. Com isso, da matriz positivista derivam as vertentes: 1) Funcionalismo; 2) Estruturalismo; 3) Estrutural-funcionalismo (abordagem instrumental e manipuladora da realidade).



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A terceira corrente é a "Razão Dialética", expressa por Hegel, serviu de base para Marx, Engels e outros autores da tradição marxista, os apontamentos derivados dessa razão são: a) humanismo= homem produto da sua própria atividade de sua história coletiva; b) caráter ontologicamente histórico da realidade (defesa e progresso da humanidade); c) razão dialética: compreensão objetiva e subjetiva da realidade e superação do imediatismo e intuitismo.

A quarta corrente é a adotada por Marx conhecida como "Razão Ontológica", também denominada "Razão Dialética", que busca captar o real em suas múltiplas determinações e reafirmar o caráter histórico e criador da práxis humana. Assim, a "razão ontológica" de Marx abarca uma perspectiva de totalidade, superando Hegel, pois tem na realidade empírica um ponto de partida (assim como a "razão instrumental" positivista), "mas, ao desvendá-la, possibilita a crítica radical à sociedade capitalista, revestindo-se, assim, de grande força política na luta pela transformação social" (NETTO, 2011, p. 91). Marx questiona a "Racionalidade formal-abstrata" ou "razão instrumental", demonstrando a que esta nega a dimensão dialética, histórica e humana da práxis social. Sendo assim, o Terreno do Irracionalismo, nega à dialética e constrói uma visão fetichizada da realidade social.

Diante do exposto a diferença da teoria de Marx para Kant e Comte é que ele tem como objeto a sociedade burguesa e como objetivo a sua superação/transformação da sociedade de classes.

A modernidade permitiu que a sociedade e a cultura se transformassem, modificando a economia, o Estado, as artes, a construção de conhecimento e a moral. Porém, podemos destacar o período pós-1848 como o momento da predominância do pensamento conservador, principalmente com relação a compreensão da questão social. Vários pensadores das correntes laicas e confessionais apontaram soluções para a questão social voltadas para a educação moral por meio da conscientização individual, do ajustamento, da recristianização das famílias, dentre outros.

Estamos falando exatamente do momento histórico em que o capitalismo se expande e se consolida em vários países do mundo, acontecendo o que Lukács (1968) denomina de decadência ideológica. Esse é o momento em que a Burguesia se torna conservadora e abandona todas as conquistas de conhecimento que abrangem compreensão de mundo, do homem e da sociedade (humanismo, historicismo, dialética) construídos desde o período Renascentista.

A cultura moderna deixa de servir a burguesia, tornada classe dominante, na manutenção do *status quo*. Diante disso, em 1830 começou um "profundo e complexo movimento para o fim



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

daquela cultura "refuncionalizada" para atender às exigências que agora se impõem à burguesia – trata-se de uma refuncionalização que terá por objetivo eliminar ou neutralizar os conteúdos subversivos da cultura moderna, especialmente aqueles vinculados à sua dimensão emancipadora; um analista desse movimento, certamente, caracterizou-se como "o rompimento com a tradição progressista" (NETTO, 2011, p. 47).

Portanto, as doutrinas de igualdade, liberdade, fé na inteligência humana e razão universal, no século XX começam a cair por terra, principalmente nos contextos de guerras, campos de concentração, Hiroshima e Nagasaki. Ou seja, a Modernidade com suas ideias de liberdade, igualdade e fraternidade que nunca se concretizaram e, diante disso, observamos uma nova onda conservadora localizada no contexto pós-moderno, como veremos no item a seguir.

### **3. Pós-modernidade: uma análise da onda conservadora**

A onda conservadora engendrada nas décadas de 1970 e 1980 vem acompanhada da retomada da conjuntura de crise do capital, atrelado a isso podemos enfatizar a ofensiva Neoliberal – que afetou diretamente a intelectualidade – a reestruturação da produção e a acumulação flexível.

Como vimos anteriormente, a Razão Moderna afirmou-se por grandes teorias sociais ou "grandes narrativas", mas as décadas de 1960 e 1970 trazem consigo a crise das Ideologias do Leste Europeu e o Colapso do "Socialismo Real". Representando um momento de "Crise de paradigmas", principalmente nas ciências humanas e sociais, em que se ampliou um embate entre modernidade e pós-modernidade (novos paradigmas).

O Conservadorismo Contemporâneo deita suas raízes no Conservadorismo Clássico, sendo de fundamental importância o conhecimento sobre esse último, e tem como principal característica não se apresentar como conservador, ocultando sua raiz e conteúdo conservador. Apresenta-se em 2 mundos diferentes (intelectuais): 1) Durkheim: abertamente conservador; 2) Giddens: 3ª via: não conservador, sendo a Esquerda sim conservadora (discurso incorporado por Tony Blair), como exemplo podemos destacar a social-democracia com um discurso consolidado "para além da direita e da esquerda".

O pensamento conservador de Durkheim, por exemplo, manifesta a conjuntura da ordem burguesa pós-1948 (após 2ª Guerra) construindo-se para enfrentar a Questão Social. O pensador é antiliberal por excelência e "entende que há que se induzir uma ação social consciente e

planejada para impedir que a sociedade (burguesa) se desintegre, o que fatalmente ocorrerá se o processo social for deixado às suas forças espontâneas" (NETTO, 2011, p. 53), pois estas são incapazes de coibir a tendência de anomia (anarquia ou falta de leis), numa sociedade de complexa divisão do trabalho na qual a diferenciação individual atrofiou o peso da consciência coletiva.

Essa forma conservadora de desenvolvimento e manutenção das relações sociais embasou a "Solidariedade orgânica" no trato da Questão Social, fazendo emergir uma Nova moral baseada no conhecimento objetivo, reforçando a visão utilitária das coisas propagada pelo capitalismo.

A Questão Social é vista como necessidade de promoção de Reformas Sociais, não no sentido revolucionário – como fez a burguesia quando queria acessar privilégios e poderes que eram destinados somente aos nobres –, mas no sentido moral. Com isso, vemos a apreensão do Antirracionalismo, enquanto apologia dos conservadores ao preconceito, e a Valorização da família, representando a centralidade e defesa da propriedade privada.

Uma parte importante do entendimento sobre as ciências sociais em tempos de ação conservadora é, de uma vez por todas, erradicar a falsa visão das mesmas como críticas progressistas – pensando-se o progressismo como ampliação e universalização de direitos políticos e sociais, vetor real de democratização da sociedade (NETTO, 2011, p. 17) –, pois as ciências sociais operam como suporte teórico-ideológico da sociedade burguesa (crítica residual).

De acordo com Hobsbawm os Tempos conservadores são "tempos de presentismo", ou seja, "Tempos de Desmemória". E para rebater o conservadorismo é preciso crítica e fundamentação histórica.

Esses tempos conservadores encontram terreno fértil na Pós-Modernidade (pós-2ª Guerra), de acordo com Harvey (1992), o pós-modernismo filosófico demonstra: 1) "Raiva do humanismo e do legado do Iluminismo"; 2) Mescla de pragmatismo (americano mais ou menos em 1986) revivido pela onda pós-marxista e pós-estruturalista; 3) Aversão a todo projeto que buscasse emancipação humana universal pela mobilização de forças da tecnologia, da ciência e da razão (HARVEY, 1992, p. 47). Em suma, o autor determina que o pós-modernismo é efêmero, descontínuo, fragmentário e caótico.

A condição histórica pós-moderna com a crise de superacumulação iniciada no final dos anos 1960, e que chegou ao auge em 1973, demonstra, segundo Harvey (1992), que:



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A experiência do tempo e do espaço se transformou, a confiança na associação entre juízes científicos e morais ruiu, a estética triunfou sobre a ética como foco primário de preocupação intelectual e social, as imagens dominaram as narrativas, a efemeridade e a fragmentação assumiram precedência sobre verdades eternas e sobre a política unificada e as explicações deixaram o âmbito dos fundamentos materiais e políticos-econômicos e passaram para a consideração de práticas políticas e culturais autônomas. (HARVEY, 1992, p. 293).

O pós-modernismo representa a perda das "metanarrativas" ou "grandes teorias sociais", através do abandono de categorias como totalidade e essência, como modo de análise da realidade mais locais e operativas (flexível, fragmentada e objetiva). Demonstrando, com isso, o seu viés A-histórico com roupagem de contemporâneo (ou seja, novo).

Todo esse movimento opera em favor da desqualificação da razão dialética, fazendo emergir tendências fragmentárias como: "práticas discursivas", "cotidiano", "novos sujeitos sociais", "caleidoscópio de micro-objetos".

Observa-se, também, as abordagens individualistas e culturalistas, que não trabalham com a realidade, mas com suas representações (SIMIONATTO, 1999, p. 93). Assim, o singular, o micro, o pontual, o presente (futuro), a intimidade (não público) são fontes de valorização moral, ética e científica.

Simionatto (1999, p. 93) destaca que "o mundo social se desmaterializa, passa a ser signo, simulacro, hiper-realidade" na Pós-modernidade, principalmente, ao desconsiderar a totalidade (essência) faz ressurgir postulados da "Razão fenomênica" de Kant ou "Razão instrumental" positivista (aparência e imediaticidade).

As expressões ideoculturais da crise capitalista sob influência do Pós-modernismo fez ascender o neopositivismo, sendo uma teoria dos signos, ou símbolos, que adota o método experimental e tem o caráter de "verdade" baseado nas consequências, na necessidade.

Lukács (1968) ressalta a existência de teorias que cada vez mais estão dadas a manipulação do capital, não importando a veracidade, mas a utilidade para o capital. Entendendo que o neopositivismo retoma elementos do positivismo e traz consigo novas características, surgindo com objetivo de encortinar o conflito entre as classes. Assim, reforça a dicotomia entre objetividade e subjetividade, economicismo e politicismo.

A Pós-modernidade está intimamente relacionada a um novo tipo de hegemonia ideológica nesse estágio do capitalismo globalizado (fragmentário, efêmero, descontínuo), demonstrando uma combinação do irracionalismo e miséria da razão representada na "superestrutura ideológica da contrarreforma neoliberal" (SIMIONATTO, 1999, p. 94).

A autora localiza em Rouanet as seguintes expressões da pós-modernidade: 1) cotidiano: vivências particulares, signos, simulacro e hipercomunicação; 2) econômico: mundialização do capitalismo e suas manifestações estruturais e superestruturais (cultura informatizada); 3) político: desqualificação do Estado e as novas formas de expressão da sociedade civil (grupos segmentares).

A Pós-modernidade transmite a ideia de representar tudo que há de mais novo e contemporâneo e teve na passagem do fordismo para acumulação flexível – mediante a sofisticação da comunicação, fluxos de informação e racionalização de técnicas de distribuição e circulação de mercadorias – um grande terreno para sua afirmação.

Em termos culturais a pós-modernidade promoveu a "interação e intercâmbio cultural", comunicação (linguagem), assim como, avanços tecnológicos microeletrônica e mídia em geral, transpondo barreiras e encurtando distâncias.

A relação tempo e espaço amplia-se, principalmente, com os grupos manipuladores de informação promovendo valores irracionais e expansão das formas de alienação. Além disso, o consumismo, a publicidade, a hábitos (alimentares, lazer, esporte) modificaram-se radicalmente, fazendo com que a invasão capitalista se expanda para a vida íntima dos indivíduos, promovendo a necessidade de controle de comportamentos.

Hobsbawm (1995) destaca que, com essa cultura pós-moderna, a soma de indivíduos provados não é capaz de construir um espaço público, ou seja, não há mobilização social que tome caráter de totalidade.

O Estado pós-moderno sofre os rebatimentos de governos neoliberais, com discurso de intervenção mínima nas relações econômica e redução de seu papel social. Assim, enfatizando a substituição dos interesses universais e de classes para objetivos grupais específicos e localistas. Essa é a perspectiva política da pós-modernidade presente, até mesmo, na "Luta das minorias". Pensando nesse panorama e destacando a importância desse movimento pós-moderno, no item a seguir destacamos a crise de paradigmas e os rebatimentos para o Serviço Social.

#### **4. A construção histórica do Serviço Social brasileiro e a crise de paradigmas pós-modernos**

O processo de inserção do Serviço Social no Brasil foi marcado por uma forte influência da Igreja Católica e manifestos recursos mobilizados pelo Estado e pelo empresariado, como forma de regulação da Questão Social que se expressa a partir da década de 1930.

Nesse momento a percepção sobre a questão social partia do pensamento social da Igreja, sendo ela moralizante, individual, conservadora e psicologizante, com posicionamentos de cunho humanista conservador do sistema social e financeiro vigente nesse período, consistindo em uma contrariedade aos ideários liberal e marxista, pois visava à recuperação da hegemonia da Igreja Católica sob ações no âmbito privado.

O Estado brasileiro, também busca legitimação durante esse processo, procurando congrega parte das reivindicações dos trabalhadores à agenda política, trazendo para o foco as leis sociais, sindicais e trabalhistas, abrindo, ao lado das instituições assistenciais, um emergente mercado de trabalho para o Serviço Social.

Então, as primeiras escolas de Serviço Social (a partir de 1936), além de seguirem referenciais da Doutrina Social Católica, adotavam como forma de pensamento e ação o Ideário Franco-Belga e o Pensamento de São Tomás de Aquino (Século XIII) voltado para o Tomismo e o Neotomismo.

O conservadorismo católico avança tecnicamente durante os anos de 1940, o Serviço Social brasileiro apropriou-se de procedimentos norte-americanos e da teoria social Positivista (junção do discurso humanista cristão com suporte técnico-científico da teoria social positivista<sup>2</sup> – profissão no caminho conservador com mediação das ciências sociais). Ainda nesta década, o Estado assume um papel regulador e fiador das relações sociais, viabilizando o processo de acumulação capitalista e atendendo as necessidades das classes subalternas. Com isso, o Estado incorpora reivindicações sindicais, sociais e trabalhistas, expandindo a ação profissional do Serviço Social (tão logo a formação) junto a instituições estatais operacionalizando políticas sociais (somente execução).

O Estado impulsionou a profissionalização do Serviço Social mediante políticas sociais paternalistas e repressivas, que objetivavam construir a imagem de um Estado humanitário e benemerente. Essas políticas fragmentadas aumentaram substancialmente a parcela dependente dos serviços públicos.

---

<sup>2</sup> É a perspectiva positivista que restringe a visão de teoria ao âmbito do verificável, da experimentação e da fragmentação. Não aponta para mudanças, senão dentro da ordem estabelecida, voltando-se para ajustes e conservação



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

A partir da década de 1960, diante da expansão mundial e das novas configurações do capitalismo, localizam-se mudanças relevantes para o contexto econômico, político, social e cultural, que impuseram à América Latina um subdesenvolvimento com o agravamento da condição de dependência dos países centrais. Sendo assim, os (as) assistentes sociais começam a questionar sua própria intervenção na realidade e a apropriar-se de teorias que melhor contemplariam suas intervenções, tudo isso através de um movimento de renovação proposto pelos assistentes sociais.

A tensão entre transformação e permanência demonstrou que a Renovação se deu em vários países do mundo, devido à configuração do desenvolvimento capitalista naquele momento histórico, que engendrava expressivas mudanças sociais. Diante disso, Netto (2006a, p. 131) conceitua que "a renovação implica a construção de um pluralismo profissional, radicado nos procedimentos diferentes que embasam a legitimação prática e a validação teórica, bem como nas matrizes teóricas a que elas se predem".

Segundo Netto (2006a) a Renovação profissional se configura a partir de dois processos: o não compromisso imediato com tarefas pragmáticas e o comprometimento de um corpo docente militante.

A América Latina desenvolveu um movimento específico de discussão sobre a profissão, conhecido como Reconceituação. De acordo com Ortiz (2010) a Reconceituação foi um episódio, que se mostra como uma expressão da renovação profissional, que aconteceu no período de 1965 a 1975, exclusivamente na América Latina. Este movimento tinha diretrizes diferentes, mas todas contra o imperialismo norte-americano.

A Reconceituação se dá devido às semelhanças dos países latino-americanos, em especial por se caracterizarem naquele momento sendo de países de capitalismo tardio, governados por ditaduras e sujeitos ao imperialismo norte-americano.

Vale destacar que a Reconceituação é uma parte importante da erosão do Serviço Social "tradicional" e tem frutos relevantes, pois proporcionou aos assistentes sociais uma aproximação com a tradição marxista, mas como ressalta Netto (2006a), essa aproximação não aconteceu sem problemas de fundo, pelo contrário, presenciou equívocos do marxismo sem Marx. A Reconceituação se exauriu em 1975, explicitando uma heterogeneidade do movimento nos países (latino-americanos anti-imperialista e anticapitalista (condição de dependência)).

O processo de Renovação do Serviço Social se expressa no mesmo contexto em que o Brasil se encontra em plena privação de direitos civis e políticos, ou seja, ao país estava imposto



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

um regime ditatorial militar, onde as reivindicações e aglomerações populares eram contra a lei e a ordem nacional. Mas isso não impediu que os assistentes sociais tentassem redirecionar a atuação profissional, sendo assim, aconteceram vários seminários promovidos pelo Centro Brasileiro de Cooperação e Intercâmbio de Serviços Sociais (CBCISS) que expressaram, no decorrer das décadas de 1960 e 1970, a preocupação dos assistentes sociais com a atuação profissional.

Destes seminários podemos destacar documentos importantes para o processo de Renovação do Serviço Social brasileiro, que de acordo Netto (2006a), originaram-se dessas mobilizações da categoria três vertentes profissionais distintas.

A primeira vertente, destacada por Netto (2006a), é a Modernização Conservadora, formulada durante o primeiro e segundo Seminário de Teorização do Serviço Social promovido pelo CBCISS, caracterizada pela incorporação de abordagens funcionalistas e estruturalistas, mais tarde de matriz positivista. Visava o desenvolvimento social, a solução de "problemas econômicos e sociais" (NETTO, 2006a) e da pobreza na perspectiva de integração da sociedade, fortemente embasada na modernização tecnológica e em processos e relacionamentos interpessoais.

Cabe destacar, ainda, que este projeto tecnocrático se fundava na eficiência e na eficácia para orientar a produção do conhecimento e a intervenção profissional. Os textos finais compendiados nos Documentos de Araxá (1967) e Teresópolis (1970) demonstram essa discussão, além deles pode-se destacar, também, o Código de ética de 1965 que expressa a modernização conservadora do Estado pós-64 que colocou novas demandas à profissão e daí a necessidade de renovação.

A segunda vertente, de acordo com Netto (2006a), é a Reatualização do Conservadorismo, sendo uma nova roupagem do conservadorismo, inspirada na fenomenologia enquanto metodologia, demonstrando a tendência do Serviço Social priorizar as concepções pessoa, comunidade, diálogo e transformação social dos sujeitos, retomando o pensamento inicial da profissão e negando o positivismo e o marxismo.

Essa perspectiva profissional se expressou nos Seminários de Sumaré (1978) e de Alto da Boa Vista (1984), em que seus relatórios finais indicaram as ideias de retomada da centralização na dinâmica individual.

Essa Reatualização do Ethos Conservador foi favorecida pela direção fascista do Estado pós-68 e a profissão através do Código de Ética de 1975 estabelece esse cunho conservador,



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

ocorrendo mudanças que caracterizam negação do respeito à diversidade (pluralismo). Como exemplo pode-se destacar o Código anterior (1965) que continha "princípios democráticos", "ordem social justa", "respeito a posições filosóficas, políticas e religiosas", que foram suprimidas pelo novo.

Outro ponto importante sobre a concepção de valores envolvendo a profissão nesse período foi a influência da Igreja Católica, assumindo a posição de REATUALIZAÇÃO CONSERVADORA (1978) em clara oposição a TEOLOGIA DA LIBERTAÇÃO e ao marxismo. Um referencial é a obra produzida Ana Augusta de Almeida voltada para essa concepção da Igreja Católica.

A terceira vertente destacada por Netto (2006a) é a Intenção de Ruptura, que traz consigo a necessidade da consciência do profissional com relação a sua inserção na sociedade de classes – que em primeiro momento se mostra próxima ao marxismo –, mas demonstra os mesmos problemas, destacados por Netto (2006a), da Reconceituação Latino-Americana, sem recurso efetivo ao pensamento de Marx. Esta vertente emerge com o Método BH e ganha espaço, principalmente no campo universitário.

Através do movimento desencadeado pela vertente de Intenção de Ruptura, o Serviço Social vem construindo coletivamente, desde o findar da década de 1970, um projeto profissional voltado para garantia de acesso a direitos dos cidadãos; para classe trabalhadora; eliminação das formas de preconceito; contra a ordem vigente e contra o conservadorismo profissional; em defesa da democracia como sinônimo de cidadania; dentre outros. Os (as) profissionais, desde então, vem elaborando mediações que permitam compreender a realidade social e seus espaços contraditórios.

O "Congresso da Virada", realizado de 23 a 28 de setembro de 1979, promovido pelo Conselho Federal de Assistentes Sociais (CFAS), conhecido hoje como Conselho Federal de Serviço Social (CFESS), em São Paulo, mostrou-se um marco na trajetória histórica do Serviço Social, principalmente no que diz respeito a postura profissional e a busca por um projeto ético-político condizente com as aspirações dos assistentes sociais.

Vale destacar a importância da produção do livro "Relações Sociais e Serviço Social no Brasil" de Iamamoto e Carvalho e no Peru: Desarrollo capitalista y trabajo social de Maguinã, inaugurando a mais completa pesquisa sobre a profissão até então, demonstrando um panorama geral do Serviço Social e suas principais raízes de pensamento, principalmente a vertente conservadora.

Analisando o processo de Renovação da profissão, destaca-se a partir do fim da década de 1970 a vertente marxista – expressa pela perspectiva de intenção de ruptura – como forma mais adequada para a interpretação da realidade cotidiana capitalista, objetivando compreender que a prática profissional do Serviço Social é necessariamente polarizada pelos interesses de classes sociais, inserida na sociedade capitalista.

Na tentativa de ruptura com o histórico conservadorismo, percebe-se que o Serviço Social, além do currículo de 1982, produz o Código de Ética de 1986 e, posteriormente, observadas as falhas conceituais dos mesmos (encharcadas de Marxismo-Althusseriano), criaram-se o Código de Ética 1993 e a Lei de Regulamentação nº 8662, de 7 de junho de 1993, e as Diretrizes Curriculares de 1996. Estes podem ser entendidos, de acordo com Guerra e Ortiz (2009), como grandes "frutos da Virada".

A Ruptura com o conservadorismo proporcionou, também, um avanço na produção de conhecimento com os cursos de pós-graduação – iniciados em 1970, mas impulsionados em 1980 mestrado e Doutorado CNPq – e a apropriação/aproximação de autores como: 1) Antônio Gramsci: Estado, Sociedade Civil, mundo dos valores, ideologia, hegemonia, subjetividade e cultura das classes subalternas; 2) Agnes Heller e sua problematização do cotidiano; 3) George Lukács: ontologia do Ser Social fundada no trabalho; 4) E. P. Thompson: "experiências humanas"; 5) Eric Hobsbawm: historiador.

O amadurecimento intelectual e a superação do marxismo Vulgar tiveram como marco o livro Relações Sociais e SS e a apropriação das análises éticas de Gramsci. Com isso, o Projeto Ético-Político passou a ser pensado com diversidade de componentes que visassem a consolidação da Ruptura com o Conservadorismo.

A partir da discussão do Projeto Ético-Político foram adotados componentes imperativos relativos à formação acadêmica e inscrição no Conselho Regional de Serviço Social (CRESS). Assim como a construção de mecanismos legais capazes de dar materialidade à Ruptura, como as Diretrizes Curriculares de 1982 e o Código de Ética de 1986 (revisados na década de 1990 devido aos problemas de cunho teórico já destacados).

## **5. À guisa de conclusão: considerações sobre a Pós-modernidade e o neoconservadorismo profissional**

Ao longo do desenvolvimento profissional tem-se características como: 1) utopismo da comunidade; 2) empirismo; 3) pragmatismo; 4) ciências sociais e tecnicismo Norte-Americano (década de 1940); 5) Conciliação da concepção humanista cristã de vida com a exploração burguesa do trabalho.

Um grande desafio posto à profissão é romper com o "Sincretismo científico" da profissão, alicerçado na "tradição positivista" enquanto base do Serviço Social tradicional (conservador). Assim, a conjuntura sociopolítica, a ofensiva Neoliberal e a Reestruturação Produtiva invocam ideias profissionais ligadas "Reatualização do conservadorismo" ou "Neoconservadorismo" para responder as demandas do mercado de trabalho.

O processo de formação e profissionalização do Serviço Social nunca se viu totalmente "livre" de influências conservadoras e positivistas, de acordo com a breve apresentação histórica da profissão, duas grandes matrizes do racionalismo contemporâneo mostram-se presentes: 1) o racionalismo "formal abstrato", matriz positivista e seus desdobramentos nas abordagens funcionalistas, estrutural-funcionalistas e sistêmicas; 2) o racionalismo "crítico-dialético", teoria social de Marx.

O Projeto Ético-Político consolida-se a partir de 1990 e é exatamente nesse momento que se institui o Neoliberalismo no Brasil, fragmentando as políticas sociais, promovendo privatizações e defendendo o discurso do Estado mínimo e suas necessárias Reformas. A ofensiva neoliberal impõe desafios ao projeto profissional: 1) questionamento da teoria de Marx e da "Razão dialética" e fortalecimento da "Razão instrumental" e do pensamento conservador (pós-moderno); 2) "novas" demandas para Assistentes Sociais e condições de trabalho (imediatez etc)

Condições contemporâneas de assalariamento (3º setor), novas exigências do mercado de trabalho e exigência de respostas pragmáticas e imediatistas são os principais rebatimentos na atuação profissional.

A pós-modernidade traz consigo a ideia que na prática a teoria é outra, descaracterizando e desconstruindo a cientificidade, o fundamento das coisas. Essa condição coloca ao Serviço Social frente a duas grandes tendências teóricas: 1) fortalecimento do Neoconservadorismo (tendência pós-moderna), ação profissional fragmentada, restrita ao mercado, não ultrapassa as aparências dos fenômenos sociais; 2) Marxista: totalidade, caráter histórico-ontológico, remetendo o particular ao universal e incluindo determinações objetivas e subjetivas dos processos sociais.



Encontro Nacional de Pesquisadoras  
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024  
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:  
desafios a uma formação profissional  
emancipatória no Serviço Social

Para superar essa condição e o avanço do neoconservadorismo profissional não se pode perder de vista um Serviço Social historicizado e dotado de conhecimento sobre o conservadorismo clássico para cair nas armadilhas pós-modernas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- GUERRA, Yolanda; ORTIZ, Fátima Grave. Os Caminhos e os Frutos da “Virada”: apontamentos sobre o III Congresso Brasileiro de Assistentes Sociais. In: **Revista Praia Vermelha**, vol. 19, nº 02. Rio de Janeiro: PPGESS/Escola de Serviço Social/UFRJ, 2009.
- HARVEY, David. Condição pós-moderna. São Paulo: Edições Loyola, 1992.
- HOBSBAWM, Eric J. Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991 / Eric Hobsbawm; tradução Marcos Santarrita; revisão técnica Maria Célia Paoli. — São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- IAMAMOTO, Marilda Villela; CARVALHO, Raul de. Relações Sociais e Serviço Social no Brasil. São Paulo: Cortez, 2013.
- LUKÁCS. György. Marxismo e teoria da literatura. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- NETTO, José Paulo. Ditadura e Serviço Social: uma análise do Serviço Social no Brasil pós-64. São Paulo: Cortez, 2006.
- NETTO, Leila Escorsin. O conservadorismo clássico. Elementos de caracterização e crítica. São Paulo, Cortez, 2011.
- ORTIZ, Fátima Grave. **O Serviço Social no Brasil**: fundamentos de sua imagem social e da autoimagem de seus agentes. Rio de Janeiro: E-papers/FAPERJ, 2010.
- SIMIONATTO, Ivete. As expressões ideoculturais da crise capitalista da atualidade. In: In: Crise Contemporânea, Questão Social e Serviço Social. Módulo 1. Curso de Capacitação em Serviço Social e Política Social. Brasília: CEAD, 1999.